



SÍNDROME DA CAUDA EQUINA EM CÃES

Reapresentação do Congresso Online Internacional De Especialidades Veterinária., 1ª edição, de 17/01/2021 a 21/01/2021
ISBN dos Anais: 978-65-86861-38-9

RUEGGER; Vanessa Florio ¹, NOBILE; Matheus ², BORGES; Gabriela Augusta de Andrade Barbosa ³

RESUMO

Introdução: A síndrome da cauda equina define-se como um complexo de sinais neurológicos decorrentes da compressão de um conjunto de raízes nervosas localizadas ao final da medula espinal, denominado de cauda equina. Sua etiologia é amplamente descrita, e seus sinais clínicos diferem-se daqueles observados em outras regiões da medula espinal, em virtude de sua estrutura anatômica particular. A condição é vista principalmente em cães de grande porte, sendo rara em gatos. Diferentes graus de lesões podem estar presentes, havendo distintas abordagens clínicas e cirúrgicas possíveis para o tratamento desta afecção. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é integrar os dados mais recentes disponíveis na literatura a respeito da síndrome da cauda equina, a fim de se aprofundar em um tema pouco explorado na medicina veterinária. **Descrição:** A cauda equina é composta por um feixe de raízes nervosas no interior do canal espinhal em uma pequena área da coluna vertebral, partindo de L6 até S3. Portanto, uma lesão nesta região pode envolver grande quantidade de nervos, visto que, abaixo da sexta vértebra lombar, o canal vertebral não contém mais a medula espinal, apenas as raízes nervosas. Sendo assim, o termo “síndrome da cauda equina” corresponde a enfermidade neurológica provocada por estenose congênita ou adquirida do canal vertebral lombossacral. A causa congênita é rara, ocorrendo geralmente em cães com acondroplasia, definido como uma anormalidade na ossificação das cartilagens fetais. Já, a etiologia adquirida, inclui geralmente a protrusão de disco (DDIV), espondilose crônica, discoespondilite, neoplasia, osteocondrose, fraturas ou luxações. **Resultados:** De acordo com o acervo de trabalhos encontrado na literatura, os sinais clínicos mais comuns definem-se por: dor, claudicação, intolerância ao exercício e relutância em correr, sentar, saltar ou abanar a cauda. Geralmente manifestam-se de maneira insidiosa e progressiva, e dependem da localização e extensão da lesão do segmento ou do nervo acometido. Pela grande variedade de afecções que podem provocar a síndrome, a determinação da causa requer uma série de procedimentos diagnósticos. Em vista disso, é essencial que haja associação do histórico, exame físico, ortopédico, neurológico e exames de imagem para determinação do local exato da lesão. O achado de maior frequência observado no exame físico é a dor causada pela palpação profunda da região do sacro, dorso flexão da cauda ou hiperextensão. Outros achados nos exames incluem déficits proprioceptivos, atrofia muscular, paraparesia progressiva, debilidade da cauda, automutilação e distúrbio dos esfíncteres, com conseqüente incontinência urinária ou fecal. O

¹ Médica veterinária autônoma, vanessa.florio@hotmail.com

² Universidade Estadual Paulista - UNESP/FCAV, matheusnobile@hotmail.com

³ Médica veterinária autônoma, gabriela.aabb@hotmail.com

tratamento depende da causa e gravidade das lesões, podendo ser feito primeiramente o tratamento conservador, o qual baseia-se na restrição de movimentos, controle de peso e administração de anti-inflamatórios não esteroidais e analgésicos. Contudo, pode ser necessário o tratamento cirúrgico, que por sua vez tem como objetivo a descompressão de raiz nervosa e estabilização vertebral. Conclusão: Com base nos trabalhos presentes na literatura, pode-se concluir que a síndrome da cauda equina é uma afecção complexa, e a correlação dos sinais clínicos, exames, localização anatômica, juntamente com o entendimento das suas várias etiologias é fundamental para se obter o diagnóstico e conduta terapêutica corretos.

PALAVRAS-CHAVE: Coluna lombossacra. Cauda equina. Neurologia.